

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

VIVA A REPUBLICA

Foi a 13 de Fevereiro

—= ✻ =—

Quem ha aí que, tendo verdadeiro sentimento republicano, se não recorde, com vivo entusiasmo, da data gloriosa de 13 de Fevereiro?

Foi neste dia, faz agora um ano, que o heroico povo português fez baquear a mais vil tirania que jamais a nossa Historia registou!

Foi neste dia, mil vezes bendito, que o sol da Liberdade novamente nasceu em Portugal, trazendo aos nossos corações alivio e ás nossas famílias alegria e conforto!

O povo de Lisboa comemorou a victoria de Monsanto, como sendo ella que o libertou das garras que a reacção monarchica ardidamente lhe havia cravado.

O povo do Norte comemora o 13 de Fevereiro, por ser nesse dia que se viu livre da opressão dos tiranos e carrascos da Tralutânia.

Esta ainda bem viva na memoria de todos nós a forma triste, miserável e vergonhosa, como a idéa monarchica faliu, no seu ultimo arranco. Já, em 1910, ella caiu desamparada e abandonada dos seus mais graduados adeptos. Os escandalos tinham sido tantos e tão grandes que ninguem se sentia com coragem para defender um regime já gasto e podre; e o proprio monarcha fugiu, por não ver a seu lado quem o amparasse no seu trono carcomido. Quem dum tal modo cai jamais se poderá levantar. Mas, a pesar desta triste consumação e da forma agradável como a Republica foi recebida pelo País inteiro; e mal esta ainda tinha iniciado a sua obra reformadora, surgiu um louco que, qual outro D. Quixote, se arvorou em aventureiro das montadas da Galiza, annunciando incursões e fazendo correr os mais fantasticos boatos. Ele sabia que nada poderia conseguir, porque o povo amava a Republica; elle bem sabia que estava lutando por um ideal que havia caído completamente desacreditado e que não era possível reunir forças capazes de o fazer ressurgir da lama em que se afundou; mas tinha o desejo de vingança, o desejo de entrar a obra da Republica, para que a péssima administração monarchica se não tornasse tão saliente aos olhos do povo português. E alguma coisa conseguiu esse louco. A sua obra tem sido tão nefasta aos interesses do País que, se, fóra noutro que não no nosso, elle teria sido considerado por todos um renegado da Pátria. Nos primeiros anos da Republica, os governos nunca puderam dedicar-se como é preciso aos problemas da administração publi-

ca, porque tiveram de gastar uma grande parte da sua actividade na defeza do regime. E era este o fim desse malvado. Pseudo-monarchicos que nunca souberam manter o seu ideal com prestigio, honra e moralidade, que nunca manifestaram pelas coisas da Religião o minimo interesse e que a combateram até no tempo em que o seu regime, ainda vivia, esses, quando a Lei de Separação foi decretada, esses, que das coisas da Religião nunca quiseram saber, armaram-se em seus acérrimos defensores, para melhor conseguirem os seus pífidos fins! Hipócritas! A Republica nunca proibiu ninguem de seguir a religião que lhe aprouvesse. Quis tão somente acabar com a hipocrisia de muitos, que se servem dela, para bem conduzirem os seus negocios materiais. Quem estas linhas escreve é católico e crente, mas considera a Religião muito acima das questões terrenas e dos interesses materiais. A Religião propaga-se pela humildade e não pela ostentação. E' um sentimento muito íntimo que deve ser colocado acima de todos os outros. Para todos aqueles, que se servem dela para explorar a humanidade, vai todo o meu desprezo.

Em 1914 rebentou a guerra. Por todo o mundo civilizado, os povos se reuniam, sem distincção de côres á volta da sua bandeira. Todos se preparavam para fazerem frente á avalanche teutonica. E, qual foi neste momento a attitude dos que se dizem monarchicos portugueses? Foi ainda a traição aos sagrados interesses da Patria. Se Portugal não foi muito feliz em ter ido a guerra, o que seria dele se não tivesse ido? Os monarchicos portugueses não queriam que elle fosse á guerra. E, quando o seu proprio monarcha lhes aconselhava prudencia e lhes recomendava uma attitude benévola para com a Republica, durante o período da guerra, elles nunca deixaram de se servir de todos os pretextos, ainda os mais indignos, para a anavalharem. A crise que o País atravessava, devido á guerra, serviu-lhes de meio de combate para indisporem contra o novo regime a massa popular ignorante, que não lê o livro, nem o jornal; porque, se os lera, veria que todos os países atravessavam as mesmas ou piores dificuldades. E, com a sua propaganda de descrédito e ainda auxiliados pela má orientação politica dalguns republicanos, de entre os quais destacaremos o sr. Brito Camacho, prepararam o terreno para

que apparecesse um déspota, que se dizia republicano, e que se proclamou presidente duma Republica Nova, usurpando pela violencia os direitos que a outrem legalmente pertenciam. Era esse homem, efectivamente presidente duma Republica Nova e tão nova e tão original que os monarchicos adoravam-no mais do que ao monarcha exilado; os republicanos eram metidos nas prisões e deportados e os monarchicos colocados nos lugares de confiança. A estes já pouco importava o seu rei e a sua monarchia. Mandavam e era o bastante. O seu ideal resumia-se em cevar os seus ódios e exercer a sua vingança brutal sobre os republicanos. Esta situação tão obscura e tão ambigua não podia ir muito longe, porque não tinha como base principios legais e justos. A Justiça Popular tinha que manifestar-se e manifestou-se. E essa caterva de mascarados que rodava o traidor, vendo que não podia continuar com o baile carnavalesco do dezembrismo, tirou a máscara e proclamou a monarchia no Porto. Durou 25 dias, por mal dos nossos pecados.

Foi a 13 de Fevereiro que o País pôs termo a essa banbuchata. O que isso foi está ainda bem vivo na memoria de todos nós. Fica-lo-ão a atestar as vitimas dos tralutheiros e as cicatrizes daqueles que puderam resistir aos maus tratos do Eden. Fica-lo-ão a atestar a escroquerie das notas do Banco e a limpeza feita aos cofres publicos pelos Baldaques, Solaris e Padres Domingos de maldita memoria.

Foi a 13 de Fevereiro...

E depois desta tremenda lição dada pelo povo republicano aos representantes e defensores duma causa ingloriosamente morta; depois da prova cabal de que o País é republicano e que é para a esquerda que se caminha, julgavamos que os republicanos arripiariam caminho, que a Republica seria sempre governada por republicanos. Mas, não havia passado ainda um ano após a data gloriosa que hoje comemoramos, já um governo se constituia, entrando nele figuras do dezembrismo! Suprema afronta! E houve republicanos que censuraram a attitude do povo de Lisboa em fazer demittir esse ministerio! Não! O povo procedeu como devia! Nós não somos apologistas da desordem, porque sem ordem é impossível a vida dum país; nós condenamos tudo que sejam excessos. Mas, se a alguém devemos attribuir a culpa do facto acontecido, não é ao povo, é aos dirigentes que teem sobre si a responsabilidade dos destinos da Republica. E' aqueles que chamaram a colaborar consigo carrascos dos republicanos.

A Republica é do povo—e' publica—o povo é que é o rei. E' o povo que, quando vê a republica em perigo, pega em armas e derrama o seu sangue por ella. Apraz-nos registar aqui as palavras do grande republicano sr. dr. Bernardino Machado, proferidas no senado, ha dias:—«O povo está cheio de cicatrizes pela Republica».

E' preferivel pois que o povo assim proceda, do que ter amanhã de pegar em armas e derramar mais sangue para arrancar a Republica das garras dos tigres que

Internato Municipal de Guimarães

Realizou-se, como fóra anunciado, no dia 12, o Sarau-Dramatico Literario que, os alunos daquele estabelecimento de ensino, dotaram ás ex.^{mas} familias e direcção do mesmo.

Tambem foi oferecido ás autoridades, directores de collegios e imprensa um jantar, que principiou depois das 17 horas. Não pudemos a ele assistir, por motivos alheios á nossa vontade. A' noite fomos assistir ao espectáculo que foi magistralmente desempenhado. Todos os interpretes foram ovacionados.

O Orfeon agradeceu, honrando o seu digno rogente sr. Padre Manuel Ferreira Ramos. O ensaiador, nosso amigo, sr. Jeronimo Ribeiro da Costa Sampaio, foi chamado ao proscenio, sendo aclamadissimo. A casa estava á cunha, vendo-se ali numerosas familias.

«A Velha Guarda», agradece reconhecida o amavel convite que recebeu, para tão brilhante festa.

espreitam a todo o momento a maré propicia de se lançarem sobre a presa.

E, quando todos nós julgavamos que os republicanos arripiariam caminho e que a Republica seria sempre governada por republicanos, nós vimos, mesmo aqui na nossa terra, correligionarios e amigos nossos, a quem o lombo ardia ainda, bandearem-se com os inimigos e carrascos da véspera! E desse passo politico, que eles julgaram bem dado, resultou o descaramento atrevido dum jornal da terra, que se dizia independente e que todo se escandalizava, quando lhe chamavam monarchico, em insultar as figuras mais prestigiantes da Republica, em anavalhar a Republica por todos os meios e feitiços.

Onde teem os monarchicos autoridade moral para criticarem a admistracção republicana? Acaso terá esquecido o que fizeram os Baldaques, os Solaris e os Padres Domingos da Tralutânia? Acaso terá esquecido o que fez o regime dos adeptamentos?

Existe um grande deficit no orçamento do Estado? Existe sem duvida. E não fostes vós que contribuistes para que elle aumentasse? Não se gastou imenso dinheiro com a vossa brincadeira do reinado do quarteirão? Calai-vos malditos, porque não tendes autoridade moral para falar. Se critica deve ser feita á admistracção republicana, é aos republicanos e só a esses a quem cabe esse direito e não a vós, cujo passado é lama.

Redige o jornal a que aludimos o sr. Padre Caldas, ex-colaborador da «Alvorada», orgão da dissidencia, como se pode verificar, lendo a primeira página do n.º 276 do mesmo jornal. O sr. Padre Caldas foi pois colaborador politico da dissidencia, ha bem poucos dias ainda. E, no entanto, no fundo, era já o redactor monarchico do «Gil Vicente». Este cidadão encontra-se á frente duma repartição publica e a «Alvorada» combatte-o.

Cale-se a «Alvorada», se tem vergonha, e não se revolte contra a sua própria obra! Arrependa-se, se quiser, mas em silencio!

VARIA

A infâmia

Em 10 do corrente, foi enviado, pelo Ex.^{mo} Official do Registo Civil, ao jornal «Alvorada», desta cidade, a proposito da infâmia assacada á Repartição de que é muito digno chefe, o seguinte officio:

«Ex.^{mo} Senhor editor do Jornal «Alvorada» Nesta

Tendo o n.º 318, do jornal de que V. Ex.^a é editor, num suelto inserto na 3.ª columna, feito referencias, como esta, «acaba no escreo do registo civil, seu venho pedir-lhe, na qualidade de chefe do mesmo registo, a fineza de declarar quem é o escreo, quando a quem foi feita e a qualidade da esroquerie, para tomar providencias. —Saude e Fraternidade—Guimarães, 10 de Fevereiro de 1920—O official do registo civil,—(a) Manuel Bernardino de Araujo Abreu.»

Pois este officio ainda não teve resposta, nem tam pouco o visado jornal a ele se referiu! Avaliem pois, os nossos leitores, a falta de caracter do «escriba» de em frente á Praça, sabendo-se que o autor da infâmia foi um «lapuz» importado dos cortelhos da terra do pão de ló. O dissidente Mor... é mau, porque é estúpido. É dos tais que não perdoa, não esquece! Gostava de atirar a pedra e esconder a mão, mas agora caiu-lhe a mascara. Desonrou-se pessoalmente.

A rir...

A «Alvorada», porque tem bastante lingua, dirigiu-se-nos um dia em linguagem de regateira; e como nós, que não somos de pau, lhe respondessemos á letra, ella não gostou.

Mas a «Alvorada» que é o orgão da gente boa, da gente moralizada e da gente imaculada, porque usa uma linguagem tão baixa? Encurte a «Alvorada» um pouco a lingua e nós, a pesar de sermos no seu conceito um bando de escrocs de souteneurs e não sabemos se até um bando de ladrões e assassinos, não iremos alem do razoavel.

A «Alvorada» quer-se impor como muito para, mas essa linguagem livre assim não dá certo.

Nós que a conhecemos deixamo-la praguejar e ficamo-nos a... a rir.

Os grandes planos! 13 de Fevereiro

O nosso presa lo colega local «O Comercio de Guimarães» que, —digamo-lo de passagem, mas com desvanecimento proprio de quem ama a ingrata profissão da imprensa—teve sempre por timbre a antiga e cavalheiresca lealdade do adversario que se bate frente a frente, e de vizeira erguida, insere no seu ultimo numero um artigo epigrafado «Bairros Operarios ou Bairros Sociais» tratando deste assunto, do qual transcrevemos os seguintes periodos, não só por expressarem comentarios alheios mas, muito principalmente—eis o mer to—por serem absolutamente imparciaes:

«A Camara? Já vamos perdendo essa unica esperança!

Não ha dinheiro! E, se se procura aumentar os impostos para se equilibrarem as despesas, como aumenta-las com novos encargos?

A Camara actual levou na sua bagagem, esse projecto, mas... de projecto não passará... Nenhuma animosidade nos move contra a Camara actual, como nenhuma nos movia contra a cessante.

Politicamente, é claro, que o nosso campo é outro, muito diverso...

Como nos seria agradavel louvar, fazendo justiça, aos nossos inimigos politicos, dizendo enfim que a Camara actual, tinha um objectivo, um fim patriótico e louvavel, quando guerreou, como é sabido, a Camara cessante! Como o fariamos com aquela lealdade que nos é peculiar, e com a satisfação dum dever cumprido! Mas... ilusão... Para que foi então essa guerra que se moveu, a filhos da mesma terra, a politicos do mesmo ideal?

Se não era com o intuito de ser uteis á terra que os ia ter á sua frente, para que essa luta que veio dividir mais e mais a pequena familia vimaranense?»

Leram bem os nossos leitores? Pois é absolutamente a verdade, infelizmente!

Guerrearam estúpida e brutalmente a camara cessante que, patrioticamente, e na medida do possível se interessava a valer por todos o melhoramentos locais de mais instante necessidade, para, por fim, serem guindados ás cadeiras municipais, subindo, não pelas escadas mas pelas janelas, para o que, certos caciques «monarquicos» —serão monarchicos?— lhes ofereceram os seus «robustos» ombros para tal «feito».

Bonita obra, não ha duvida! O peor ha-de ser o descalçar da «bota».

A Gripe

Está-se desenvolvendo nesta cidade, assim como em todo o paiz, a terrivel gripe pneumonica. É preciso combatê-la, para que não tenhamos a lamentar maior numero de victimas, fazendo cada um o possível para ver se a debelamos.

O 13 de fevereiro em Guimarães

Comemorando esta data, de feriado neste districto, embandeiraram as repartições publicas, Camara, Administração e casas particulares. A noite iluminaram a luz electrica as mesmas. A banda dos Guises, executou, de manhã, ás 12 horas e á noite a Portuguesa, percorrendo as ruas da cidade. Foram queimados muitos foguetes e morteiros.

Entre as datas gloriosas que fulguram nas paginas da Republica avulta pela grandeza do gesto, pela autoridade da acção o 13 de fevereiro.

Ha quasi uma paridade e uma correlação entre esta data e a epopeia de 1640. Nesta havia o predominio, o vexame e o insulto da Espanha, execrando de vileza e exacções os portuguezes; naquela ha o despotismo dos monarchicos, prendendo, arroxendo as carnes e assassinando os republicanos.

Em 1640 era a torva e sinistra ambição de Miguel de Vasconcelos e dum arcebispo de Braga que julgulava o amor á independencia e o direito á liberdade dum povo. Em 13 de fevereiro era a caterva dos Migueis de Vasconcelos e dos tonsurados da Igreja que procuravam arregar de sangue a alma republicana.

Não foi longo o periodo da traição; mas, curtissimo, ferreteou a fogo o ideal sacrosanto da Republica e enodou de odios, rancores, repressões os martyres da liberdade.

Sublime arrancada a de Monsanto que teve como coronel de gloria a virtude do povo, falange estoica da democracia, cidadela inexpugnavel da Republica.

Aquella lição de sacrificio, de vontade, de fé, marca no grande livro da História uma das suas paginas de honra.

Pouco tempo depois cabia ao Porto, como cidade das regalias populares e das liberdades civicas, numa impante arrancada de fé republicana expulsar dos seus muros os «camelots du roi» e abater a bandeira azul e branca, simbolo da traição e da torpeza, porque a sua sombra os seus sequazes e adoradores cometeram os mais aviltantes crimes.

E na manhã de 13 de fevereiro, como na gloriosa madrugada de 31 de janeiro aos gritos de Viva a Liberdade! Viva a Republica! ergue-se o labaro sacrosanto da Patria, o pendão verde e vermelho.

Fugiram escoraçados ao ouvir aquella veemente apostrofe de Guilherme Braga.

Não fazem ninho os milhafres Na cavernas dos liões

Festa íntima

No grande Hotel do Toural, como se annunciou, realison-se no dia 13, a festa íntima de confraternização republicana. O Jantar, que principiou depois das 20 horas, decorreu animadissimo. Foram 74 os convivas, e mais seriam, se por circunstancias várias, muitos podessem assistir. Discursaram diversos cidadãos, alguns dos quais disseram verdades amargas, para determinados individuos. A banda dos Guises, fez se ouvir no atrio do hotel.

OBITUARIO

ARTUR BAPTISTA SAMPAIO

Na sua casa da Ribeira da freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, faleceu no dia 9, o snr. Artur Baptista Sampaio, de 53 anos, proprietario. O extinto era casado com a snr.^a D. Maria da Conceição Barbosa Sampaio e pai do nosso amigo snr. João Baptista Sampaio.

ABILIO MARTINS GONÇALVES

Tambem faleceu na sua casa do lugar da Vinha freguesia de Taboado, deste concelho, no dia 12, o nosso amigo snr. Abilio Martins Gonçalves, de 63 anos, proprietario. O falecido era pai do nosso amigo snr. Guilherme Martins Gonçalves, dignissimo alferes de infantaria 3, residente em Viana do Castelo.

ALBINO TEIXEIRA DE ARAUJO BASTOS

Faleceu ainda no mesmo dia, na rua D. João 1.^o, desta cidade, o nosso amigo, snr. Albino Teixeira de Araujo Basto, velho republicano, hoje socialista.

D. ALBERTINA DA GLORIA BELINO

Faleceu no dia 13, na rua 31 de Janeiro, desta cidade, a snr.^a D. Albertina da Gloria Belino, de 32 anos, filha do snr. Alfredo Ribeiro Belino, e esposa do snr. Domingos Pereira Mendes, ambos negociantes, desta cidade.

D. MAFALDA ENGRACIA DE MAGALHÃES NEVES

Faleceu tambem no dia 13, na Praça D. Afonso Henriques, desta cidade, a snr.^a D. Mafalda Engracia de Magalhães Neves, de 63 anos, proprietaria. A finada senhora, era esposa do snr. Francisco Martins Fernandes, negociante, e mãe dos snrs. Domingos, Francisco e Alberto Martins Fernandes, respectivamente, negociante, capitão de infantaria 20 e medico, e sogra do snr. Francisco José Ribeiro, industrial.

D. MARIA AMELIA FREITAS DA CRUZ BASTOS

Faleceu ainda, ontem, na Praça de D. Afonso Henriques, desta cidade, a snr.^a D. Maria Amelia da Cruz Bastos, de 70 anos, proprietaria, esposa do nosso amigo snr. Luiz José Gonçalves Bastos, agente de passaportes.

Ás familias enlutadas as nossas condolencias.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500:000\$00

SÉDE NO PORTO

Rua de Trás, 7—2.^o (aos Loios)

Agente geral em Guimarães

Agostinho Fernandes Rocha.

RUA DA REPUBLICA, 144

Sr. Redactor de «A Velha Guarda»

Rogo a V. a fineza de dizer, no seu considerado jornal, ao sr. correspondente desta cidade para o «Noticias do Norte», que a Escola Industrial de «Francisco de Holanda» conta, este ano, 124 alunos matriculados e que mais contaria se o decreto 5.029 (organização de Ensino Industrial e Comercial) permitisse matriculas no 1.^o ano do curso transitorio.

Dir-lhe-ha mais que, apesar de não saber quem é, o autorizo a verificar, pelo respectivo livro de matriculas, a veracidade da minha informação.

Muito-agradecido De V. com toda a consideração Abel Cardoso.

Director da Escola Industrial de Francisco de Holanda em Guimarães.

Fotografia Santos Lima

Tivemos ha dias o prazer de abraçar o nosso bom amigo Joaquim dos Santos Lima, que pelos seus primorosos trabalhos fotograficos tem sido em Braga, justamente apreciados por nacionais e estrangeiros.

Os nossos parabens a Guimarães e, a Santos Lima, agouramos as maiores prosperidades, felicitando-o tambem pela sua intelligencia e arte.

Leilão de Penhores

No dia 21 de Março, na casa prestamista da Rua de S. D amaso 121 a 125 proceder-se-ha a leilão de todos os penhores abandonados por falta de pagamento de juros.

Avisamos os snrs. mutuários o favor de pagarem os seus juros em débito até ao dia 18 do mesmo mês, porque passado esse dia não se recebem juros.

Esta casa continua sempre a efectuar transações sobre todos os objectos que representem valor, sempre com a maxima seriedade.

Guimarães, 17 de Fevereiro de 1920.

Os proprietarios,

Ernesto Teibão & Com.ta.

Farmacia

Vende-se ou aluga-se a farmacia de Pombeiro, com todos os seus pertences. Quem desejar pôde dirigir-se a Fernando José Moreira Leite, do lugar de Ufe da freguesia de Calvos, deste concelho.

Venda

Vendem-se oito moradas de casas juntas no lugar dos Atranquillos, freguesia de Creixomil.

Para tratar com Antonio de Freitas Mata—Rio de Selho, da mesma freguesia.

Aos nossos assinantes

Tendo a segunda fase de «A Velha Guarda», completado onze mezes de existencia, vamos proceder á cobrança das assinaturas do segundo semestre deste semanario. Aos da cidade e concelho ser-lhes-ha apresentado o recibo pelo cobrador, dignando-se honrarnos com o seu bom acolhimento.

Da gentileza dos nossos subscritores esperamos a satisfação deste nosso pedido. Como porêm, dos assinantes de fora, ainda não cobramos o primeiro semestre, nós vamos proceder á cobrança de um ano, esperando a alta fineza de pagarem os recibos.

Achando-se ainda em debito da assinatura do 1.^o semestre alguns nossos assinantes, vimos rogar-lhes a subida fineza de satisfazerem as respectivas importancias.